

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quamabara

DATA: 17/09/1963 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: O dia-a-dia da Bienal

ASSUNTO: Ivan e a VII Bienal de São Paulo.

Feira, 17 de Setembro de 1963

2.º Caderno

## STANISLAWSKI E OS POLONESES DA VII BIENAL

Encontra-se no Brasil, entre o Rio e São Paulo, há alguns dias, o comissário da Polónia à VII Bienal de São Paulo, cuja montagem vai se desenvolvendo em ritmo intenso no Ibirapuera. A participação dos poloneses nesse certame é esclarecida por Stanislawski nestes termos:

"Todos aqueles que se interessam pelo impulso da arte moderna, pela riqueza de formas de suas manifestações, pela sua expansão e pela importância que ela adquire nos círculos cada vez maiores do público reconhecem o lugar que ocupam as obras dos artistas poloneses, no movimento artístico internacional.

Nosso século é o século das comunicações — necessidade de contato e de troca de experiências, em todos os terrenos da vida, portanto, igualmente no terreno da arte, tornou-se uma necessidade imperativa, um dos veículos fundamentais do desenvolvimento da sociedade humana. Nasce daí essa multiplicação rápida dos meios de informação e de comunicação, que criam uma situação nova nos contatos internacionais, encurtando o tempo, aproximando entre eles as realizações de povos e indivíduos, que vivem em pontos geográficos da terra os mais longínquos.

A quantidade cada vez maior de publicações dedicadas à arte, a atividade de museus e de galerias, de manifestações internacionais, nas diversas partes do mundo, o intercâmbio de exposições entre países e centros artísticos — todo esse movimento de rotação facilita e acelera, de modo sem precedente, o conhecimento das realizações da produção artística contemporânea.

Essa freqüência de contatos, essa torrente de informação vertendo sem interrupção, impõe, por sua vez, aos organizadores de exposições, a necessidade de dosar volúres definidos, a necessidade de efetuar uma seleção cada vez mais difícil, se não se deseja repetir-se. Isto diz respeito particularmente às manifestações tão importantes quanto à confrontação internacional de São Paulo ou de Veneza.

Os organizadores da participação polonesa à VII Bienal, tendo em vista a seleção anterior, desejam dessa vez apresentar alguns artistas, tratando de problemas um pouco diferentes daqueles aqui apresentados, pelos artistas poloneses no decorrer dos anos precedentes.

Bronislaw W. Linke, falecido em 1962, fazia parte dos pintores "solitários". Não sendo ligado realmente a grupo algum, a escola alguma, ocupa uma posição completamente à parte na arte polonesa. A extraordinária força de expressão que emana de todas as suas obras, sua dedicação às questões humanas, sua reação sempre viva a cada perigo ameaçando a humanidade, e sua transposição, sob forma de metáfora, em advertência solene — é um exemplo da obra criadora de um artista plenamente empenhado. O Museu Nacional de Varsóvia prepara, atualmente, uma grande exposição retrospectiva de suas obras, daí os desenhos apresentados na Bienal não serem mais que um modesto cartão de visita, introdutor da obra dessa excepcional individualidade.

A pintura de Eugeniusz Markowski surpreende pela riqueza de colisões dramáticas que encerra. Os personagens de seus quadros são despidos de qualquer exterioridade, desprovidos de aparências enganosas, mostrados sob sua própria forma de nudez, obsecados unicamente pela busca de fim quimérico. A arte de Markowski é certamente moralizadora, e, ao mesmo tempo, uma arte difícil, operando com símbolos e abreviações sob os quais se esconde, muitas vezes, um profundo sentido filosófico, cujo subentendido precisa ser decifrado. A côr crua, expressiva, adapta-se completamente à idéia conceptiva dessa pintura.

Inteiramente outros são os problemas tratados por Rajmund Pietkiewicz. Nas suas pequenas paisagens urbanas, mostra o encanto escondido de Gdansk, de suas ruas, de sua arquitetura, trazendo-os para uma visão estritamente pessoal, na qual acentua, sobretudo, o essencial do próprio fenômeno, passando em silêncio pelos detalhes óticos.

Maria Anto, a mais jovem artista participante, soube impregnar suas telas de um real sentido de côr, que faz o valor desta pintura. Os traços característicos de sua obra, calma e tranqüila, são o lirismo, a modéstia, a simplicidade de um mundo recriado, a ausência de conflitos e colisões.

A atividade de Zbigniew se concentra numa esfera diferente de interesses. Seus desenhos mágicos formam, de certa maneira, uma ponte entre a arte e a poesia, no seu sentido próprio. Makowski compõe suas poesias desenhadas, reunindo grupos de sinais-símbolos e sinais-definições; insere às vezes alguma lista de nomes e denominações, tirados de sua memória. Deslocando-se no meio de um labirinto de sinais, prepara, tal um alquimista, uma nova semântica, decorrente da associação da forma e do sentido coexistentes, cria qualquer coisa que se assemelha a uma loteria, onde o acaso torna-se a ordem.

## Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

No terreno da arte gráfica, apresentamos representantes de duas gerações: Konrad Szrednicki e Marian Malina. Szrednicki, professor na Academia de Belas-Artes de Cracóvia, de cujo atelier saiu toda uma plêiade de artistas gráficos de grande talento, é um mestre no domínio da litografia e das técnicas de trabalho sobre metais. Suas obras, ligadas ao mundo das formas reais, estão impregnadas de um verdadeiro sentido poético, de uma invenção lírica criadora. Suas marinhas atraem particularmente a atenção. Distinguem-se por um domínio admirável da técnica e do sentimento dos valores matizados.

Em Malina, notamos antes de tudo um interesse pela silhueta humana. Sua gravura corajosa, decidida e precisa, é notável pelo espírito metafórico e consequência na investigação de meios de expressão lapidares. Pode-se dizer, falando da gravura de Malina, que ela é "monumental" — suas figuras fortemente contrastadas em preto e branco, impelem à reflexão e à meditação.

É supérfluo lembrar que os organizadores da atual exposição não pretendem exibir um esboço geral dos múltiplos problemas da vida artística polonesa. Essa exposição deve ser pois considerada apenas como um dos elos da cadeia dos numerosos fenômenos, sintomas e realizações da arte polonesa contemporânea. As obras aqui apresentadas dão prova de que as coisas, na plenitude de sua riqueza que o homem e sua situação na realidade, atraem sempre a atenção dos artistas."

### O dia-a-dia da Bienal

SÃO PAULO (de Jayme Maurício) — A delegação mais atrasada é a da Holanda, que se encontra no bôjo de um navio não atracado no porto de Santos. A delegação da Grã-Bretanha, por ordem expressa de Mrs. Summerville, só poderá ser aberta no dia 18 do corrente, na presença da dita. Isso acontece porque a Bienal resolveu este ano montar todas as salas com ou sem a presença dos comissários, os quais só chegarão uma semana antes, por motivos de economia.

Do júri de premiação, a ser escolhido pela diretoria da Fundação da Bienal de São Paulo, antes do dia 20, participarão apenas dois brasileiros, escolhidos entre os que integraram o júri de seleção, eleito pelos artistas. Os que foram eleitos mas renunciaram e não fizeram a seleção, não serão considerados. Portanto, poderão ser escolhidos Geraldo Ferraz, Sérgio Milliet, Walther Zanini, José Geraldo Vieira e Mário Pedrosa. Os dois primeiros seriam os mais cotados.

Dina Coelho pretende colocar a Bienal à disposição do júri de premiação precisamente no dia 20 do corrente, pois, como se sabe, a Bienal será inaugurada no dia 28 com entrega dos prêmios pelo presidente da República, na presença de autoridades, embaixadores dos países representados, ministros de Estados etc. Darci Ribeiro está escrevendo o discurso do senhor João Goulart, ou o chefe do governo vai delegar poderes ao ministro das Relações Exteriores para falar em seu nome? Eis a questão levantada há dias numa reunião. Tendo um chefe da Casa Civil que é crítico, diretor de museu, homem de acentuada cultura artística que conhece e compreende bem o alcance cultural da Bienal, dificilmente o sr. Goulart deixará de falar.

Ligeira volta com Geraldo Ferraz pela representação brasileira. Como membro possível do júri de premiação, assuntamos o nosso brilhante colega e sentimo-nos em perigo (que função ingrata) entre os candidatos Ivan Serpa, Darel Valença, Samico, Delamônica e Rubens Valentim. Enfim, os cariocas ou do Rio. Isso é bom para o pessoal do Rio aprender a votar. Cotados: Maria Bonomi para prêmio de gravura, Iolanda Mohaly para prêmio de pintura. Geraldo apresenta com "elan" as salas especiais de Wega e Mabe. E está com humor dos mais esfu-siantemente macabros sobre arte.